



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO BAIXO TOCANTINS
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO
HABILITAÇÃO EM CIÊNCIAS NATURAIS

ROSICLEICE DO SOCORRO RIBEIRO AZEVEDO

**CONSTRUINDO VALORES HUMANOS PELO TRABALHO COLETIVO: ESTUDO
DAS PRÁTICAS DE MUTIRÃO NA ILHA DO CAMPOMPEMA, ABAETETUBA,
PARÁ, AMAZÔNIA BRASILEIRA.**

ABAETETUBA-PARÁ
2018

ROSICLEICE DO SOCORRO RIBEIRO AZEVEDO

**CONSTRUINDO VALORES HUMANOS PELO TRABALHO COLETIVO: ESTUDO
DAS PRÁTICAS DE MUTIRÃO NA ILHA DE CAMPOMPEMA, ABAETETUBA,
PARÁ, AMAZÔNIA BRASILEIRA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Formação e Desenvolvimento do Campo da Universidade Federal do Pará, *Campus* Universitário do Baixo Tocantins, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada Plena em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais, sob orientação do Prof. Dr. Livio Sergio Dias Claudino.

ABAETETUBA-PARÁ

2018

ROSICLEICE DO SOCORRO RIBEIRO AZEVEDO

**CONSTRUINDO VALORES HUMANOS PELO TRABALHO COLETIVO: UM
ESTUDO DAS PRÁTICAS DE MUTIRÃO NA ILHA DE CAMPOMPEMA,
ABAETETUBA, PARÁ, AMAZÔNIA BRASILEIRA.**

Este trabalho de conclusão para a obtenção do título de Licenciado Pleno em Educação do Campo com ênfase em Ciências Naturais pelo corpo docente da Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Baixo Tocantins. Orientador. Prof. Dr. Livio Sergio Dias Claudino.

_____ 22 de outubro de 2018

Prof. Dr. Livio Sergio Dias Claudino
Fadecam - UFPA (Orientador)

Prof. Dr. Jones da Silva Gomes
Fadecam - UFPA (Avaliador interno)

Profa. Ma. Lucielma Lobato Silva
Seduc - Pará (Avaliadora externa)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a **Deus**, pelo dom da vida, criador de tudo o que vivenciamos, por ter me dado forças e coragem para superar os obstáculos e por me proporcionar a realização desse sonho em minha vida.

Aos meus pais, **Manoel dos Santos Azevedo Filho** e **Rosa Olímpia Ribeiro Azevedo**, devo a vocês meu nascimento e todo o conhecimento, pois com suor do rosto forjaram meu caráter e me ensinaram que na vida o maior ganho é a dignidade e o respeito às pessoas, onde deixaram muitas vezes seus sonhos, suas ambições para que eu pudesse chegar mais longe, sinto orgulho de ser sua filha.

Ao meu esposo, **Josenilton Rodrigues Sardinha**, que me mostrou o significado da palavra perseverança, mesmo quando cansada, já desistindo de alguma batalha, foi você que olhou pra mim e com amor me mostrava que eu deveria continuar. Obrigada, te amo!

As minhas irmãs, **Rosineide**, **Rosicleide**, **Rosileide** e ao meu irmão **Manoel Francisco** pela compreensão e apoio quando precisei da ajuda dos mesmos.

Aos meus sogros Laudiano Rodrigues Sardinha e Joelma Cardoso Sardinha, pela compreensão da minha ausência no período de construção do meu trabalho.

Ao meu orientador, professor Dr. **Livio Sergio Dias Claudino**, pelo empenho e dedicação dispensados para o ensino e concretização deste trabalho, mostrando que além de um excelente profissional na área educacional é um exemplo de ser humano e amigo.

Aos senhores representantes dos mutirões do Campompema que contribuíram para a realização desse trabalho, muito obrigada.

Aos professores que participaram da banca pela valorosa contribuição e disposição em participar da Banca examinadora e contribuir para o aprimoramento deste trabalho.

Aos demais colegas, amigos de curso, obrigado por tudo. Por termos dividido tantos momentos, conhecimentos e aprendizados juntos, e por termos alcançado mais este objetivo.

Aos demais professores e a Universidade Federal do Pará, por acolher, ensinar e tornar possível mais esse passo na caminhada ao conhecimento.

**CONSTRUINDO VALORES HUMANOS PELO TRABALHO COLETIVO: ESTUDO
DAS PRÁTICAS DE MUTIRÃO NA ILHA DE CAMPOPEMA, ABAETETUBA,
PARÁ, AMAZÔNIA BRASILEIRA**

RESUMO

O presente artigo descreve os tipos e analisa algumas práticas desenvolvidas em mutirões na localidade Rio Campompema (Abaetetuba-Pará), situando algumas formas de trabalho e relação entre os grupos, primeiramente caracterizando e, em seguida, apresentando elementos para compreender as relações interpessoais de ajuda mútua que percorrem a formação dos mutirões. Trata-se de um estudo de caso, com abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de entrevistas a 6 integrantes dos agrupamentos, cada um representando um dos 6 mutirões identificados, mutirão de matapi e manejo de açai, mutirão de granja e manejo de açai, mutirão da mercearia, mutirão de mulheres, mutirão da igreja católica, mutirão de cria e peixe. Pode-se destacar que os mutirões são práticas sociais que proporcionam possibilidades de estreitar relações de amizade, companheirismo e ajuda entre seus membros, além de, na maioria dos grupos, haver a produção de mercadorias e serviços que melhoram o bem-estar da comunidade e também ampliam as rendas. Destacamos que o olhar lançado sobre essas formas específicas de ajuda pode apoiar na construção e valorização de valores humanos e ação coletiva.

Palavras-chave: Reciprocidade; Ajuda Mútua, Dádiva.

ABSTRACT

The present article analyzed the practices of multitudes involved in reciprocity in Rio Campompema (Abaetetuba-Pará), locating the different forms of work and relationship between the groups, in an attempt to understand the interpersonal relationships of mutual help among members of the joint efforts, participation of the family, the importance of the mutirão, as this practice occurs in different groups. This is a case study with a qualitative approach. In order to do so, we interviewed 06 residents of the community in question, all of them active in the groupings of the Rio Campompema. As main results, it can be highlighted that the mutirões are social practices that provide possibilities to strengthen relationships of friendship, companionship and help among its members . Another factor that we observed was that most of the Campompema River task forces, such as the farm mutirão; Matapi's fellowship; fish stocks; grocery store management; women's groups; have as main objectives the circulation, through the sale, of products, generating income for the members, which is divided equally. Already the mutirão of the catholic church is different, therefore, the main objective is to help the people in need with small repairs or constructions of houses, bridges, among others. We emphasize the importance of study and others as ways of recognizing that other ways of building exchanges are possible, not just selfish interests.

Keywords: Reciprocity; Mutual help ; Gift

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	9
2.1- O MUNICÍPIO DE ABAETETUBA E A COMUNIDADE RIBEIRINHA	10
3. A COMUNIDADE DE RIO CAMPOMPEMA	13
4. RECIPROCIDADE E DÁDIVA	15
5. OS MUTIRÕES NA PRÁTICA	17
6. CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DOS MUTIRÕES NAS COMUNIDADES DO RIO CAMPOMPEMA	19
6.1. MUTIRAO DE AÇAIZAL E GRANJA	21
6.2. Mutirão da igreja católica	22
6.3. Mutirão de matapi e manejo de açaizal	24
6.4. Mutirão de cria de peixe	25
6.5. Mercearia Manoel Pinto	27
6.6. Grupo de artesanato de matapi das mulheres	29
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

O mutirão “designa uma forma de ajuda mútua, regida por princípios da reciprocidade, tendo como incentivador dessa prática diversos fatores e situações”. Ainda para esse autor, essa prática pode ser acionada em diversas situações como mortes, doenças, partos, casamentos, batizados, acidentes de trabalho, produção agrícola (derrubadas, roçadas, encoivramento, queimas, semeaduras, limpas, colheitas), cobertura de casas, etc. Geralmente esses tipos de uso do mutirão são para prestar auxílio a alguma família necessitada (ANDRADE, 2016, p. 21).

A prática do mutirão pode ainda ser utilizada para atender interesses comunitários, na busca de recursos comuns, tais como, “construção ou conserto de estradas vicinais, limpeza de córregos de serventia pública, etc., ou aplicar-se à promoção de atos com finalidades recreativas ou religiosas” (CALDEIRA, 1956, p. 30).

Em nossa pesquisa, em comunidades no rio Campompema, o primeiro grupo de mutirão teve início na igreja católica, por intermédio das construções dos espaços religiosos como a igreja, centro comunitário e a ponte, ou seja, os espaços necessários às expressões religiosas e de sociabilidades. A partir disso, as pessoas da própria comunidade perceberam que o desenvolvimento dos trabalhos realizados em grupo tinham resultados expressivos em um curto período, além de proporcionar o fortalecimento dos laços familiares e de amizades entre os indivíduos envolvidos por essa prática. Foi assim que surgiram os grupos formados por homens que realizam juntos os trabalhos pesados como escavar tanques, preparar os roçados, grupos artesãos para a fabricação de matapi, onde as famílias também participam grupos para a criação de frangos, e o grupo de mulheres capacitadas para a fabricação de pasteis, doces, cocadas.

O presente trabalho analisa as práticas de mutirões envolvidas pela reciprocidade na localidade Rio Campompema (Abaetetuba-Pará), situando as diferentes formas de trabalho e relação entre os grupos, bem como os efeitos em termos de produção de valores humanos. Assim, o principal objetivo desse trabalho é analisar as práticas de mutirões envolvidos pela reciprocidade entre parentes e vizinhos na Comunidade do Rio Campompema, a partir de um referencial teórico que mobiliza os conceitos de troca e dádiva, baseando-nos principalmente em leituras de obras clássicas, a partir de seus intérpretes. Para analisar os processos aqui exposto será analisado as seguintes etapas: abordaremos um pouco sobre a história da

comunidade pesquisada (Rio Campompema), descrevendo sua localização, cultura, valores e meios de sobrevivência. Em seguida será discutido sobre os conceitos de reciprocidade e dádiva, buscando assim uma base teórica para adentrarmos nesse assunto, para isso nos utilizaremos de autores tais como: Sabourin(1999), Gouldner(1960)*apud* Sabourin(2005), Mauss(1977*apud* Sabourin 1999). Também falaremos sobre os mutirões na prática, a partir de teóricos que tratam desse assunto: Rodrigues, Ferreira(2015), Sabourin(1999), Wagley(1988), Andrade(2016), que nos ajudarão a entender melhor sobre as práticas de mutirão da Comunidade de Rio Campompema assunto tratado na ultima etapa do trabalho.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A escolha em estudar esta temática relaciona-se intimamente com o fato de eu também ser moradora da comunidade que investiguei, isto é, a comunidade de São João Batista, no Rio Campompema, uma das 72 ilhas de Abaetetuba, tendo eu mesmo vivenciado a prática de mutirões desde criança. Ao ingressar na Universidade Federal do Pará, através do curso de Educação do Campo, turma 2013, realizei os estágios supervisionados I, II, III e compreendi a importância de investigar as vivências de minha localidade, chamando-me a atenção ao modo como os mutirões servem a certos processos de organização, produção, sociabilidades e economia.

Trata-se de uma investigação na forma de estudo de caso, com abordagem qualitativa, uma vez que tanto a delimitação espacial e a especificidade da situação demandaram estratégias particulares para a obtenção e análise dos dados. Conforme lembra Gil (2010, p.44), “o estudo de caso envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento”. Para isto, foram utilizadas técnicas qualitativas para auxiliar na investigação, especialmente entrevistas: “as entrevistas tomadas em sequências, num tempo relativamente prolongado, permite ao informante contar histórias de vida e narrativas de eventos da memória individual e coletiva” (SOUZA, 2013, p. 44).

No total, foram entrevistados 06 sujeitos atuantes nos mutirões: a) seu Diquito, membro do Mutirão da Granja; b) seu Marcio, membro do Mutirão de Matapi; c) seu Nono membro do Mutirão de Peixe; d) seu Jó, membro do Mutirão da Merceria; e) seu Valério, membro do Mutirão da Igreja Católica; e a f) dona Baixinha, membra do Mutirão de mulheres

artesãos. Cada um dos integrantes corresponde a um tipo de singular de mutirão desenvolvido na comunidade.

As entrevistas foram realizadas entres os dias 26 de maio e 30 de junho de 2017, com os membros dos mutirões, sempre no horário da manhã, uma vez que é o horário prioritário para as atividades coletivas. A escolha por um integrante específico de cada mutirão foi devido serem mais comunicativo, serem coordenadores do grupo e aceitarem participar das entrevistas. Além disso, foi possível acompanhar todos os mutirões ao longo da pesquisa.

Foi necessário aprofundar acerca de algumas informações para realização da pesquisa, para compreender o funcionamento dos mesmos, por exemplo: as relações interpessoais de ajuda mútua entre os integrantes dos mutirões, a participação da família, a importância do mutirão, como ocorre essa prática nos diferentes grupos. Buscou-se na abordagem qualitativa o eixo metodológico central, pois, ela permite construir e elaborar seus conceitos pela observação e reflexão a partir dos conteúdos do cotidiano encontrados nas práticas e costumes de um determinado local (MAZOTTI, 2002).

Durante toda a pesquisa, a observação direta contribuiu para esclarecer muitas dúvidas na análise e interpretação dos dados coletados (GEERTZ, 2008). Através dessa tivemos um papel singular na busca pela compreensão das relações de reciprocidade, acompanhando de perto esse processo de organização coletiva, mantendo estreita relação com os pesquisados. Vale destacar o imenso desafio, constantemente lembrado pelos professores durante o curso, especialmente pelo orientador, de que era necessário estranhar aquilo que me era familiar (DAMATTA, 1978), para alcançar uma postura de pesquisadora e, ao mesmo tempo, reconhecer-me como integrante da comunidade e dos diferentes processos sociais que ali se desenvolvem, sendo que esse estranhamento nunca seria completo.

Com o objetivo de reunir uma concepção teórica de conhecimento a respeito dos mutirões envolvidos pela reciprocidade na Comunidade do Rio Campompema foram utilizados autores como: Andrade (2016), Caldeira (1956), Sabourin (1999), Rodrigues (2013), entre outros.

2.1- O MUNICÍPIO DE ABAETETUBA E A COMUNIDADE RIBEIRINHA

Abaetetuba está localizada à margem direita da Foz do Rio Tocantins, em frente à baía de Marapatá, no Rio Maratauíra (Meruu), sendo este um dos afluentes do Rio Tocantins,

integrado a região do Baixo Tocantins. Também conhecida como a mesorregião do nordeste paraense, o município faz limite ao norte com Barcarena e o rio Pará; ao sul com o município de Igarapé Miri; a leste com o município de Moju e a oeste com o município de Limoeiro do Ajuru, além da Baía de Marapatá. O município de Abaetetuba tem aproximadamente 1.610,408 km² de extensão composto pela sede municipal e a Vila de Beja, além de estradas estaduais e federais e ilhas. Sua população estimada para 2016 é de 151.934 habitantes, sendo considerado o 7º município mais populoso do estado do Pará (IBGE, 2010).

O Município de Abaetetuba constitui-se numa mesorregião rica em biodiversidade e cultura, a cidade apresenta um patrimônio histórico amplo e uma cultura própria muito forte, visualizada por suas expressões culturais e artísticas, vistas pelas músicas, o artesanato (destaque para o brinquedo de miriti¹).

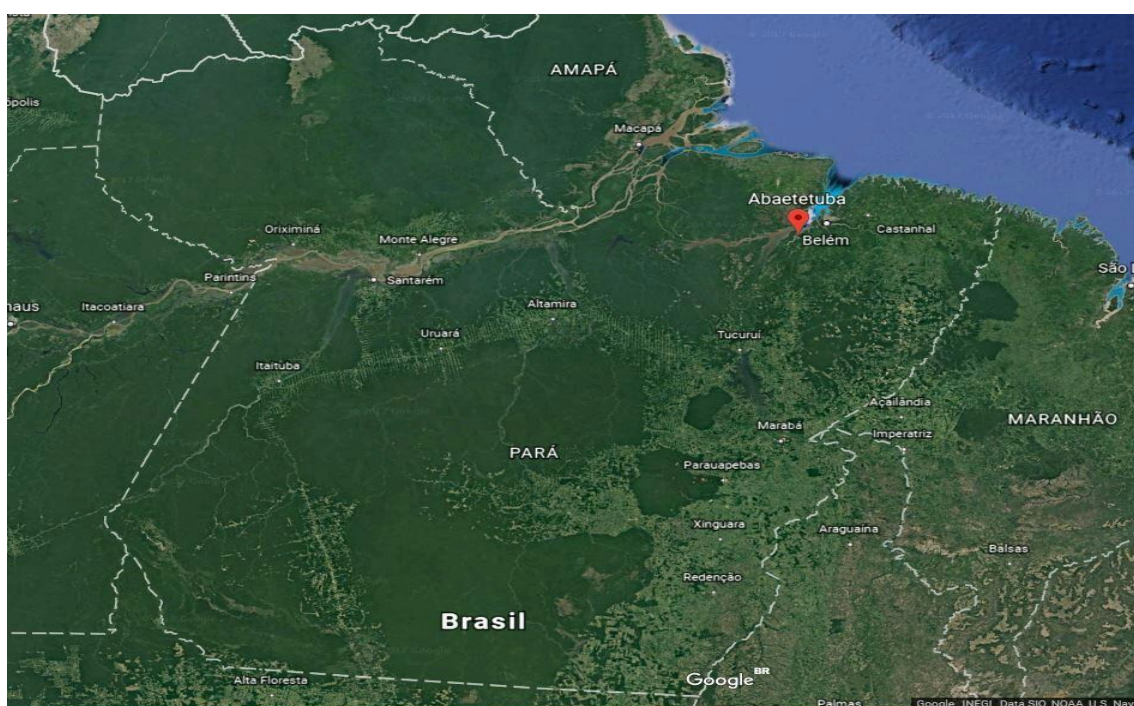
Vários rios estão inseridos na hidrografia do município. São eles o Rio Tocantins, o Marataúira, o Arapapu, o Acaraqui, o Piquiarana, o Tucumanduba, o Caripetuba, o Xingu, dentre outros. A maioria é navegável.

Segundo Machado (2015) o município possui ainda 72 ilhas, com uma população de 45.000 habitantes, que constituem a chamada Região das Ilhas; 35 colônias de terra firme e 14 bairros urbanos, em sua maioria formada a partir da migração ocorrida na década de 1980, com a implantação dos projetos Albrás/Alunorte, no município de Barcarena, o que provocou um inchaço populacional, pela busca desenfreada por trabalho.

O esporte, as danças folclóricas, as festas religiosas como a da Padroeira do Município Nossa Senhora de Conceição, que tem esse nome porque o português Francisco de Azevedo Monteiro, batizou o Município de Abaetetuba com primeiro nome de “Nossa Senhora da Conceição do Abaeté” (ABAETETUBA, 2016). A seguir o mapa da cidade de Abaetetuba (Figura 1).

¹ Abaetetuba mundialmente conhecida como a Capital do Brinquedo de Miriti. Em 2004, foi implementado o 1º Festival de Miriti, conhecido como “MIRITIFEST”, que neste ano de 2016 chegou a 13ª edição, o festival além dos shows artísticos, tem na exposição das peças Artesanais de Miriti o ponto mais importante, onde os artesãos além de apresentarem suas obras, existem as vendas de comidas e doces feitos com o fruto do miriti. O MIRITIFEST atrai pessoas de todas as partes do Estado do Brasil, e até mesmo do Mundo, como ocorreu neste ano com a presença de Bolivianos e Italianos. “O brinquedo de miriti é considerado como um dos símbolos do Círio de Nazaré em Belém do Pará” (ABAETETUBA, 2012).

Figura 1: Localização do Município de Abaetetuba e Estado do Pará.



Fonte: Google imagens (2016).

Segundo Bezerra (2009, p. 03), “a economia está baseada, principalmente, nas atividades da pesca, do extrativismo, sobretudo do açaí, e na agricultura”. Ainda para Bezerra, com algumas informações de um funcionário municipal que trabalha no mercado de peixe,

[...] são desembarcadas, diariamente, cerca de 10 toneladas de pescado; uma parte fica no município e a outra é distribuída para cidades vizinhas e Belém. O açaí é

outra produção importante. O mesmo local em que funciona a feira, pela manhã, no período da tarde, transforma-se num estacionamento de caminhões, que encostam diariamente para fazer o carregamento do açaí, o qual, em épocas de produção, chegam todos os dias das ilhas. Segundo alguns entrevistados, a maior parte dessa produção não permanece no município; é enviada, principalmente, para Belém e para outras cidades vizinhas (BEZERRA, 2009, p.03).

Conforme apresentado acima, e conduzindo para os objetivos de nossa investigação, a economia dos produtos é basicamente artesanal, como o açaí, extrativismos de diversas naturezas, como a pesca e de outros produtos naturais, não sendo estranho que os mutirões se organizem nas comunidades para atender a essas demandas, embora nem todos tenham essa finalidade.

3. A COMUNIDADE DE RIO CAMPOMPEMA

A comunidade do Rio Campompema está localizada no município de Abaetetuba, a cerca de cinco minutos do porto da cidade. O principal meio de locomoção são as embarcações de pequeno e médio porte.

Figura 2- Comunidade de São João Batista, Rio Campompema.



Fonte: Google Earth (2017).

Segundo o Plano de Desenvolvimento Agroextrativista (PDA) do rio Campompema, em 2000, a comunidade era habitada por 250 famílias, totalizando aproximadamente 1.125 pessoas, distribuída em três áreas denominadas Campompema baixo, meio e alto. Sendo que das 250 famílias 223 (89,2%) foram beneficiadas com a implantação do PDA. Outras 10 famílias não se enquadraram em algumas exigências estabelecidas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), por esse motivo estas não entraram no censo populacional do Projeto de Assentamento Extrativista (PAE). Porém, a população que hoje reside no Campompema, segundo dados coletados junto aos Agentes Comunitários de Saúde (ACS) da localidade, é de aproximadamente 400 famílias, sendo que 296 estão em Relação de Beneficiários (PDA, 2005).

Os moradores do Campompema estão organizados em uma associação que representa os interesses dos moradores locais. Além da associação, os moradores também contam com o apoio de outras entidades como: Comissão Pastoral da terra (CPT), Associação dos Moradores das Ilhas de Abaetetuba (AMIA), Colônia dos pescadores Z-14, Associação dos Remanescentes de Quilombo das Ilhas de Abaetetuba (ARQUIA), Associação para o Desenvolvimento Educacional do Pará (ADEMPA) e Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR).

Os principais locais de vendas da produção comercial dos moradores da comunidade são a feira de Abaetetuba ou na própria residência, onde muitos atravessadores buscam o produto direto dos produtores e também nos pontos de referência de compra e venda na comunidade. Tendo como principal meio de renda a venda do matapi e do açaí, secundariamente, produtos das águas com baixa escala comercial: pescada, mapará, mandií, mandubé, dourado entre outros, são mais utilizados como meio de subsistência, junto ao camarão e alguns pescados como o mapará, o aracu e a pescada branca. Não existe sistema de abastecimento de água, esgotamento sanitário, coleta de lixo, nem posto de saúde, tendo somente uma escola para alfabetização (localizada no Campompema baixo) e um barracão provisório para ensino fundamental maior e ensino médio (Campompema meio).

Devido às condições precárias no ensino e na estrutura das escolas, os alunos deslocam-se em transportes fluviais para escolas situadas na cidade de Abaetetuba. A iluminação elétrica utilizada é proveniente de projetos do Governo, Luz Para Todos, onde a comunidade utiliza uma linha que passa próximo das residências. A água consumida para beber e utilidades em geral vem do próprio Rio Campompema ou poço artesiano (ALMEIDA,

2014). Na Comunidade do Campompema, há muitas festas religiosas, como: São João Batista, Santo Antônio, São Benedito, grupos de quadrilha e carimbo coordenados pela Igreja Católica e na Igreja Evangélica tem os cultos, festejos de grupos de jovens, de senhoras e senhores e Escola Bíblica de Férias (EBF) das crianças.

4. RECIPROCIDADE E DÁDIVA

Reciprocidade, segundo Sabourin (1999, p. 03), “nada mais é que a dinâmica existente entre a dádiva e a redistribuição criadora de sociabilidade e de vínculo social”. Ainda o autor, valendo-se do texto de Gouldner, indica que pode-se definir reciprocidade de uma maneira mais simples, por exemplo:

[...] quando alguém recebe algo na forma de uma dádiva, ele tem tendência a dar por sua vez. A gente não pensa primeira “ah que bom negócio!” como manda o interesse pelo lucro. A dádiva do outro carrega com ela uma impulsão a dar por parte de quem recebe. Não se trata em nada de um constrangimento, ao contrário, por exemplo, do contrato, no qual as obrigações de cada um estão sendo definidas da maneira a mais detalhada possível e regidas pela lei. Não, trata-se de uma incitação, de um convite. Mas esse fenômeno é tão importante que se pode falar de uma força social elementar (GOULDNER, 1960 *apud* SABOURIN, 2005, p. 07).

Partindo dessa ideia, a lógica da reciprocidade foi verificada em todas as sociedades. Para Lévi-Strauss, na leitura de Sabourin (1999, p. 3) “as estruturas elementares de parentesco estão ordenadas pelo princípio da reciprocidade, onde a sociedade humana emerge, mantém-se e reproduz-se graças a esses processos de reconhecimento recíproco”.

Ainda na mesma linha, para Mauss (1977 *apud* SABOURIN, 1999, p. 03) a dádiva corresponde a um “fato social total”², onde na medida em que as relações de reciprocidade se

²“A noção de “fato social total” (ou “fenômeno social total”) foi inicialmente formulada por Marcel Mauss no célebre Ensaio sobre a dádiva, publicado originalmente em 1925. Trata-se de uma noção central do pensamento maussiano. Em seu artigo, Mauss apresenta a noção de fato social total nos seguintes termos: Existe aí [nas sociedades arcaicas] um enorme conjunto de fatos. E fatos que são muito complexos. Neles, tudo se mistura, tudo o que constitui a vida propriamente social das sociedades que precederam as nossas – até às da proto-história. Nesses fenômenos sociais “totais”, como nos propomos chamá-los, exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam estes fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (GASTALDO, 2013, p. 08).

engajam, comprometem o ser humano (indivíduo ou grupo) em sua totalidade, tanto no ponto de vista social como econômico.

Sabourin (2005, p. 7) pontua que para Lévi-Strauss “a noção de estrutura designa as diversas maneiras pelas quais o espírito humano constrói valores e sistemas de valores”. Mas, Lévi-Strauss “não estabelece uma diferença entre sistemas de intercâmbio e de reciprocidade, porque considera a reciprocidade como uma forma de troca recíproca e simétrica”.

Temple, conforme lembra Sabourin (2005) sistematizou as estruturas elementares da reciprocidade. Fez isso a partir de esquemas de relações singulares. Por exemplo, a reciprocidade bilateral a qual corresponde às relações interpessoais de aliança entre indivíduos, famílias e grupos; a reciprocidade binária simétrica que produz a amizade; e a reciprocidade binária assimétrica que produz o prestígio; a reciprocidade ternária pode ser unilateral, que é a relação entre pais e filhos, ela pode ser bilateral, no caso da partilha de recursos comuns e ternária bilateral ela se submete a um sentimento de responsabilidade de uma obrigação nova.

Segundo Sabourin (2003), em muitas sociedades rurais, o trabalho desenvolvido pelos agricultores tem como base o princípio da reciprocidade, onde a vida em comunidade tem como princípio a hospitalidade, a organização política, a relação e prestação entre geração, as alianças entre famílias e grupos para desenvolvimento de atividades comunitárias. “Essas práticas correspondem a situações mistas associando a dinâmica de intercâmbio e dinâmica de reciprocidade, em particular o autoconsumo, o trabalho familiar, patrimônio comum à autonomia com relação ao mundo global” (SABOURIN, 2003, p. 79).

Na comunidade São João Batista no Rio Campompema, geralmente é dirigida por representantes como coordenador da comunidade, membros do movimento social Movimento dos Ribeirinhos de Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA), ao qual cabe a função de repassar as informações de interesse coletivo de toda comunidade. O representante, na maioria das vezes é escolhido pelo voto direto nas chapas para formação das instituições, ao qual cabe a responsabilidade de organizar e acompanhar as atividades desenvolvidas na Comunidade.

Se a atividade for de caráter religioso, os representantes lideram a atividade com a ajuda de toda a comunidade, sendo um trabalho recíproco voltado para melhoria da comunidade ou de alguma família que esteja precisando. Ainda sobre isso, Sabourin (2004) destaca que a lógica da reciprocidade não considera apenas a produção exclusiva de valores

de uso de bens coletivo, mas a criação do ser da sociabilidade. A exemplo disso, o mesmo autor diz que o apadrinhamento recíproco das crianças entre duas famílias, sem laço de parentesco, é uma forma de aliança extremamente forte, que permite multiplicar as redes interpessoais, atendendo para além das esferas locais, das classes sociais e das categorias profissionais.

A presença da reciprocidade no meio rural gera a redistribuição de uma produção socialmente motivada a qual constitui um fator de desenvolvimento econômico, no qual a família que não tem produção recebe ajuda das que possuem ou realizam a troca dos produtos ou ajudam com a mão de obra e em troca recebe parte da produção. (TESCHE; MACHADO, 2013).

“São relações que produzem valores humanos de confiança e solidariedade, cimentando as redes de cooperação, onde não apenas ocorrem relações econômicas de intercâmbio, mas também relações econômicas com base na reciprocidade” (TESCHE; MACHADO, 2012, p. 27).

5. OS MUTIRÕES NA PRÁTICA

As organizações dos mutirões baseiam-se na busca por melhores condições de vida, evoluindo cada dia mais eles buscam o apoio e tentam solucionar os problemas vividos no cotidiano coletivamente. Segundo Sabourin:

O termo mutirão pode designar dois tipos de ajuda mútua: uma tem a ver com os bens comuns e coletivos (construção ou manutenção de estradas, escolas, barragens, cisternas); a outra com os convites de trabalho em benefício de uma família, geralmente, para trabalhos pesados (desmatar uma parcela, fazer uma cerca, construir uma casa...) (SABOURIN 1999, p. 43).

De acordo com Wagley (1988), Ferreira (2015), Andrade (2016), entre outros, esta prática foi construída ao longo da história no Brasil. Clovis Caldeira (1956), em sua obra intitulada *Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural*, publicada em 1956, o autor desenvolve não só uma revisão das práticas do mutirão nas várias regiões do Brasil, mas também das diversas linguagens utilizadas sobre ele. De acordo com Caldeira (1956 *apud* ANDRADE 2016, p. 4) o mutirão é:

Um contrato com fundamento moral e não legal, no qual [...] existe o importante característico da retribuição, cuja unidade é o dia de serviço (sem que se confunda

com a instituição do “dia de serviço”, também usado no meio rural, mas diferente do mutirão). O organizador pede ao vizinho ou amigo um dia de serviço, unidade essa que será oportunamente retribuída, de maneira sagrada. Aquele devedor que por qualquer motivo – sem se desculpar – falta ao mutirão do seu credor, sofre a sanção moral coercitiva da comunidade em que vive, a qual, na maioria das vezes, é mais rígida que aquelas previstas nos códigos, porque é simples, dura, impiedosa e não depende de interpretações (CALDEIRA, 1956 *apud* RODRIGUES; FERREIRA, 2013, p. 04).

Desse modo, pode-se perceber que um dos aspectos centrais nas práticas do mutirão é justamente “o efeito de retribuição, mas, sobretudo, de ajuda mútua, reciprocidade e disponibilidade entre os atores sociais de uma comunidade e vizinhança” (RODRIGUES; FERREIRA, 2015, p. 04).

“A prática de mutirão expressa umas das formas mais claras de ajuda mútua e reciprocidade em diferentes comunidades rurais de todo o Brasil”. São ações de ajuda mútua como expressões de solidariedade e cooperação nas diversas atividades realizadas nas relações intracomunitárias e intercomunitárias (RODRIGUES; FERREIRA, 2015, p. 03).

Em quase todo o Brasil, essa prática é chamada de mutirão, porém em algumas zonas do estado da Bahia é chamada de boleia ou balaio. O boleia é uma unidade de medida de produtos agrícolas numa cesta ou num lençol. Geralmente, a família beneficiada oferecia uma cesta de alimentos aos trabalhadores. Em Pintadas (BA), utiliza-se o termo de boi roubado porque durante a ajuda na sua propriedade, o criador matava um boi. Hoje, ele fornece cachaça ou cerveja (RODRIGUES; FERREIRA, 2015, p. 43).

Como se pode perceber, a prática é associada à festa, constituindo-se em momentos de confraternização e sociabilidades, além de motivar a ajuda recíproca entre todos os colaboradores. De acordo com Rodrigues e Ferreira (2015), o número de diárias por família não é contado.

Algo muito interessante nessa prática é a participação de todos os membros da comunidade, incluindo adultos jovens e crianças, havendo uma divisão social do trabalho, onde todos podem desenvolver alguma parte da labuta.

A participação de todas as famílias da comunidade é desejada: “Em alguns os homens jovens e adultos para os trabalhos mais duros, as crianças para a limpeza das fontes de água e caldeirões, as mulheres para a raspa da mandioca na farinhada” (RODRIGUES; FERREIRA, 2015, p. 43). Porém, nem sempre a ajuda mútua é necessariamente igualitária, pois existe devolução, mas sem contagem ou simetria das prestações, sendo que “pode existir certa concorrência na redistribuição de alimentos ou bebidas entre as famílias” (RODRIGUES;

FERREIRA, 2015, p. 43). Rivalidades e desafios podem assim expressar-se em função de interesses coletivos e individuais.

De acordo com Sabourin (2010, p. 4), a reciprocidade pode se caracterizar de diversas formas, “a reciprocidade das dádivas: oferendas, partilhas, prestações totais, *potlatch* que constituem o que Temple e Chabal designam pela forma positiva da reciprocidade”. E a forma de reciprocidade negativa que Sabourin, chama de ciclos de vingança.

Sabourin (2010) destaca que:

Diferentemente da troca cujo desenvolvimento ou extensão é associado à lógica de concorrência e de acumulação pelo lucro, a lógica da vingança está ligada a uma dialética da honra como a da dádiva está ligada a uma dialética do prestígio. Contudo, a sede de prestígio (fonte de autoridade, e, portanto de poder, nas sociedades de reciprocidade) motiva o crescimento da dádiva “mais eu dou, mais eu sou”. Entre as expressões extremas das formas negativas e positivas da reciprocidade, as sociedades estabeleceram, então, diversas formas intermediárias. Trata-se, em particular, de controlar o crescimento da dádiva, a ostentação, o *potlatch*, a dádiva agonística que destruam e submetam o outro mediante o prestígio (SABOURIN, 2010, p.04).

Ainda para Sabourin (2010), além das duas formas de reciprocidade citadas anteriormente (positiva e negativa), existem também as relações de reciprocidade em termos de estruturas e os diferentes níveis do princípio de reciprocidade e os modos que lhe são específicos, mas aqui não iremos aprofundá-las. No próximo tópico, partindo do referencial teórico apresentado, descrevemos e analisamos as práticas de mutirões existentes na ilha.

6. CARACTERIZAÇÃO E HISTÓRIA DOS MUTIRÕES NAS COMUNIDADES DO RIO CAMPOMPEMA

A partir de pesquisa empírica, faço uma descrição mais detalhada dos diferentes tipos de mutirões encontrados na Comunidade São João Batista do rio Campompema. Utilizando as narrativas de alguns dos seus integrantes, como seu Diquito membro do mutirão de granja, seu Marcio membro do mutirão de Matapi, seu Nono, membro do mutirão de peixe, seu Jó, membro do mutirão da mercearia, seu Valério, membro do mutirão da igreja católica e a dona Baixinha, membra de mutirões de mulheres. Visando uma caracterização dos mutirões, o quadro abaixo (Quadro 1) indica faixas de idade, escolaridade, origem e o número de integrante.

Quadro 1: Tipos de mutirões e caracterização dos integrantes.

Mutirões	Nº de	Idade	Escolaridade	Origem
-----------------	--------------	--------------	---------------------	---------------

	integrantes	(anos)		
Cria de Peixes	06	23 a 54	Do ensino fundamental incompleta ao nível superior	Rio Campompema
Grupo de Matapi e Manejo de Açaizal	07	30 a 45	Todos com ensino fundamental incompleto	Rio Campompema
Grupo Granja e Manejo de Açaizal	05	45 a 58	Todos com ensino fundamental incompleto	Rio Campompema
Grupos das Mulheres	11	31 a 56	Do ensino fundamental incompleto ao ensino médio	Rio Campompema
Grupo da Igreja	10 á 15	18 a 65	Do ensino fundamental incompleto ao ensino médio	Rio Campompema
Grupo da Mercearia	12	23 a 78	Do ensino fundamental incompleto ao ensino superior	Rio Campompema

Fonte: Pesquisa de campo (2018), elaboração própria.

Os mutirões na comunidade já são antigos, pois, segundo o seu Diquito, quando ele nasceu, no ano de 1959, esses ajuntamentos na comunidade já existiam. Seu pai fazia parte em alguns como: construções de casas, plantação de cana, entre outros. Porém, um pouco antes da adolescência, relata o interlocutor, o mutirão que conhecia era um de escavação de tanque para criação de peixes.

Era um grupo composto por doze homens, todos eram jovens que trabalhavam bastante. A escavação dos tanques durava vários dias, pois precisava ser fundo. No começo, segundo seu Diquito, era só um tanque, que ficava em um terreno de um dos integrantes deste mutirão. Era longe das residências, por isso tinha que ir de vez em quando observar o local, pois nessa época tinha muitos animais, especialmente alguns tipos de aves como garças, gaivotas e socó-boi (*Tigrisoma*) que poderiam comer os peixes. Outra dificuldade, segundo seu Diquito, era ausência dos integrantes em realizar as atividades propostas pelo grupo.

“[...] essa prática da questão do mutirão, quando eu nasci já existia [...] O grupo de criação de peixe era o único que tinha aqui, só que tinha muita dificuldade sabe, por que... porque o tanque era longe de casa então nós tinha que ir vigiar, cada integrante ia um dia, eram homens, onde nós tinha que fazer o rodízio para vigiar devido ter animais lá, que comia os peixes, era gaivota, garça socó-boi, além disso, tinha a

questão de alguns integrantes começarem a falhar que também dificultou a existência desse grupo” (Diquito³, entrevista realizada em 29/05/2017).

De acordo com seu Diquito, no decorrer dos anos outros tanques foram formados. Um desses era o do seu Nono e do senhor Valério, líderes do mutirão, onde criavam tambaqui (*Colossoma macropomum*), mas devido à falta de assistência técnica e a falta de alguns participantes o grupo em forma de mutirão acabou.

Segundo o seu Diquito, em 2002, outros mutirões surgiram na comunidade, como o mutirão de granja que é de seu grupo, o do seu Marcio mutirão de matapi, seu Nonó do mutirão de peixe, seu Jó do mutirão da mercearia, seu Valério do mutirão da igreja católica e o da dona Baixinha do mutirão de mulheres.

6.1. MUTIRAO DE AÇAIZAL E GRANJA

O grupo de mutirão que trabalha com açaizal e granja é do grupo composto por seu Diquito, Natanael, José Maria, Nazareno e Miguel. Esse mutirão trabalha com o manejo de açaizal no período da safra, que vai de junho a novembro, e com a granja o ano todo segundo seu Nazareno.

O trabalho desse grupo, que trabalha tanto com a granja quanto com o açai, se resume na capina e limpeza do açaizal, que acontece de seis em seis meses. No período da safra, isso é, no verão, os integrantes pagam para alguns membros de sua família para a retirada do açai, que vendem no porto ou na feira do município de Abaetetuba.

Esse mesmo coletivo de trabalhadores iniciou um mutirão de artesanato de matapi, mas devido à falta de comércio nessa época para esse produto eles optaram em trabalhar com uma granja de criação de galinha caipira.

Nesse mutirão da granja coordenado pelo senhor Diquito, o investimento inicial foi R\$ 125,00 (cento e vinte e cinco reais). As granjas foram construídas coletivamente próximas à casa de cada integrante, sendo que cada membro e suas famílias são responsáveis de cuidar dos animais.

³ Raimundo Clemente (Diquito), 58 anos de idade, morador da comunidade são João Batista rio Campompema, tesoureiro do conselho das associações das ilhas de Abaetetuba. Entrevista realizada em 26 de maio de 2017.

As compras dos animais e dos insumos são realizadas coletivamente, incluindo todos os cinco integrantes do mutirão, que geralmente compram os insumos para a criação na cidade de Abaetetuba. A venda segue a mesma lógica citada anteriormente.

Em relação ao lucro, eles vendem o frango dividem o dinheiro igualmente para todos deixando somente o capital para comprar os frangos e os insumos, o preço é estipulado por todos, porém somente o senhor Diquito e o senhor Chaminha é que fazem a venda em grandes quantidades, devida serem mais conhecidos pelo mercado e mais habilidade para vender.

Alguns dos integrantes desse mutirão, como o seu Diquito, Chaminha e o seu José Maria, fizeram cursos sobre manejo de frango pena branca (frango que não pode ser criado a pasto, somente na granja), porém o frango que eles criam é o caipirão, por ser mais resistente a pragas ou doenças e por ser melhor para vender.

São colocadas vinte aves pequenas (pintinho) nas granjas, com o intervalo de quinze dias uma da outra, essa técnica é utilizada para que não falte frango pronto para o consumo por um período maior, e ao término da produção de todas as granjas eles fazem o balanço e a divisão do lucro.

O grupo tem uma importante participação na festa de São João Batista, padroeiro da comunidade local, onde no período de um ano o grupo consegue arrecadar, por mês, cinco reais de cada um. Esse dinheiro é colocado em uma caixinha e, às véspera da festa é aberta para que na noite do mutirão as cinco famílias confraternizam comprando donativo, comendo e bebendo juntas, enfim contribuindo com a comunidade. Desse modo, fortalecem ainda mais os laços de amizade e estimulam o surgimento de novas práticas de mutirão na comunidade, conforme narrativa abaixo:

Nós faz alguma coisa como diz o caso, é por causa da união né? Nós sempre tem uma comunicação muito boa, a gente tem uma amizade através do trabalho, por a gente ter esses anos de trabalho junto à gente tem um vínculo forte né... E a gente sempre valoriza o mutirão por causa disso, por que a gente pensar que quando para a gente se sente distante um do outro, a gente vai se distanciando, e quando a gente trabalha assim direto toda quarta-feira, mas nem pensa é muito importante isso né? A amizade vai se fortalecendo, no mutirão a gente tá junto. (Raimundo Clemente, 58 anos entrevista realizada em 29/05/17).

De acordo com a fala de seu Diquito, a prática de mutirão estreita os laços de amizade e de companheirismo entre os membros, melhorando a relação no meio social em que vivem.

6.2. MUTIRÃO DA IGREJA CATÓLICA

O mutirão da igreja católica surgiu junto com a comunidade, na década de 1950, de acordo com o seu Gonçalo, que é coordenador do grupo. O mutirão possui em média de 10 a 15 integrantes, responsáveis pela organização e funcionamento da igreja. Esse grupo aumenta em algumas ocasiões como: festa do padroeiro São João Batista, construção de casas, reformas, entre outros momentos importantes para a comunidade (Figura 3). Os participantes que vão trabalhar pela primeira vez nos mutirões precisam se identificar e levar as ferramentas de trabalho, visto que a comunidade não as possui para todos.

Os participantes do grupo de mutirão da igreja católica começam a chegar ao barracão da igreja por volta das oito horas. Ao chegarem, fazem uma oração e só depois começam a trabalhar. Geralmente o trabalho é em obras para a igreja, porém, algumas vezes, as famílias da comunidade ou de comunidades vizinhas pedem a ajuda desse grupo para construir uma casa, uma ponte, um banheiro, enfim, algo que eles não têm condições de pagar um carpinteiro ou um pedreiro para construir. Em determinadas situações, o grupo do mutirão, com o apoio da comunidade, até compram o material necessário para construção, se a família em questão for muito necessitada.

Neste mutirão, as mulheres são responsáveis pelo preparo e divisão da alimentação e os homens pela obra. Não há, nessa forma de trabalho coletivo retribuição em dinheiro, somente na troca de serviços entre os membros.

O grupo acha de suma importância ajudar o próximo, pois essas ações fazem com que as famílias participem mais da comunidade, da igreja e do próprio grupo, porém inúmeras vezes isso não acontece, as pessoas são ajudadas e não retribuem, segundo relatos.

Figura 3: Pessoas que participam do mutirão da igreja católica, realizando o trabalho de pintura da igreja e retelhamento do centro comunitário.



Fonte: Pesquisa de campo. Foto de Josenilton Rodrigues Sardinha (2017).

Nesse grupo participa quem quiser, e ninguém recebe nenhuma contribuição, uma vez que o trabalho é todo doado, exceto o “mestre” da obra, o carpinteiro ou pedreiro, que é pago pela igreja. Os trabalhos acontecem às quintas-feiras, sendo que a alimentação também é doada pela igreja, e quem prepara as refeições são comunitários que se dispõem ao trabalho culinário. Muitas famílias já foram beneficiadas com esse mutirão, pessoas que não tinham casa ou tinham, porém estava em condições imprópria para morar, sendo que nesse grupo muitas dessas famílias eram compostas por crianças pequenas e pais desempregados. Indiretamente, esses grupos, baseado na amizade e na solidariedade, fazem, muitas vezes, o papel dos governos locais.

6.3. MUTIRÃO DE MATAPI E MANEJO DE AÇAIZAL

O grupo de mutirão que trabalha com o artesanato de matapi e algumas vezes com o extrativismo de açaí é composto por dois sobrinhos e cinco irmãos, onde podemos verificar que as relações de proximidade são fundamentais para a sua constituição e a operação do mutirão, devido à proximidade entre os sócios, ligados por relações de parentesco e/ou a amizade.

Esse mutirão iniciou pelo ano de 2007, tendo como líderes cinco irmãos: Marcio, Quinha, Toroca, Bica e Jó e os dois sobrinhos, o Ceará e o Fran (Figura 4). Foram desenvolvidas algumas regras coletivas para organização desse mutirão, com: a) não poder faltar, só em caso de doença na família ou do membro; b) o dono do serviço deve adiantar o

trabalho (isso acontece com a construção do matapi); c) os integrantes precisam trabalhar com dedicação, pois segundo o seu Macio “se trata de um produto artesanal e vai ser comercializado”; d) quando o trabalho é no açazal todos precisam levar seu material de trabalho como: terçado, bota, machado, entre outro.

Este grupo trabalha uma vez por semana (às sextas-feiras), e a cada sexta-feira é para um integrante, sendo que nesse dia a responsabilidade pelos materiais para o trabalho é do anfitrião. Ninguém pode faltar e, se faltar, conseqüentemente o dono do trabalho não tem a obrigação de ir ao trabalho do sócio que faltou. Porém, conforme informado, ninguém costuma faltar, mantendo a honra dos compromissos. Em relação à alimentação, somente o café da manhã e o lanche é responsabilidade do dono do serviço. Abaixo (Figuras 4) imagens dos integrantes do mutirão trabalhando no artesanato de matapi e na limpeza do açazal.

Figura 4: a) Grupo trabalhando com matapi e b) manejo de açazal.



Fonte: Acervo da pesquisa (2017).

Nesse grupo há muitas conversas, brincadeiras uns com os outros, além do trabalho. Os integrantes veem essa prática como um encontro, um fortalecimento de amizade e união entre eles. Quando chega a época da safra do açaí alguns membros priorizam o mutirão para o manejo do açazal, porém, mesmo com a mudança do trabalho as regras são as mesmas com relação ao compromisso de não faltar, ser pontual, ter todos os materiais necessários para o trabalho, exceto o terçado e a vestimenta apropriada para o trabalho no mato.

6.4. MUTIRÃO DE CRIA DE PEIXE

A prática de criação de peixe já era comum na comunidade, que, segundo o seu Nono, já era realizada por algumas famílias, em pequena quantidade. As famílias que tinham tanques em suas propriedades muitas vezes não o utilizavam e quando tinham alevinos nem sempre conseguiam ter uma boa produção, por esse motivo acabavam abandonando o tanque.

Já a criação por meio de mutirão teve início há pouco tempo que iniciou na comunidade “há pelo menos 2 anos” (seu Nono), com a chegada do Instituto de Desenvolvimento e Assistência Técnica da Amazônia (IDATAM), por meio de convênio com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), sendo que foi no ano de 2016 que os grupos antigos retomaram o trabalho e novos grupos foram criados. Esse instituto trabalhava somente com assistência técnica, realizando formação com os membros do mutirão para a criação de peixe. A compra dos insumos e dos peixes é realizada pelo grupo, que fazem coleta e compram. Geralmente os insumos são comprados no município de Abaetetuba e os alevinos são encomendados pelos ex-técnicos do IDATAM, que trazem de Castanhal.

A venda dos peixes é feita coletivamente, mas primeiro é realizada uma triagem/seleção dos peixes maiores no tanque, que são oferecidos um dia antes aos compradores da comunidade e em outro dia é feita a entrega no mercado externo (Figura 5).

Figura 5: Grupo retirando peixe do tanque para pesar.



Fonte: Pesquisa de campo. Foto de Rosicleice Azevedo (2017).

Mesmo com a paralisação do projeto, por falta de recurso repassado pelo governo, o acompanhamento de alguns técnicos da empresa é constante devido os laços de amizade que foram criados. Essa ajuda faz com que a produção de peixe melhore cada vez mais e assim os grupos possam se fortalecer e ampliar suas experiências nesse tipo de trabalho. Para que haja uma excelente produção, os grupos também se reúnem para o acompanhamento do crescimento do peixe, eles retiram alguns peixes e pesam para saber se estão se desenvolvendo ou não.

6.5. MERCEARIA MANOEL PINTO

Possuir uma mercearia no Rio Campompema não é nenhuma novidade. Porém a mercearia Manoel Pinto, criada há em 2016, com o objetivo de ter um complemento na economia de algumas famílias do Rio Campompema, possui um diferencial. A mesma é fruto da organização de doze associados são eles Jô, Jô, Bica, Marcio, Nonó, Marinaldo, Rosineide, Nedina, Raildo, Neide, Fran e o Quinha.

Sua criação teve início com uma contribuição de quinhentos reais de cada sócio, totalizando R\$ 6.000.00 reais. Essa importância em dinheiro foi aplicada primeiramente na construção do espaço, que foi em um terreno de dona Neide, uma das integrantes. Após a construção, realizaram a compra dos produtos para montar a mercearia, sendo essa realizada no município de Abaetetuba.

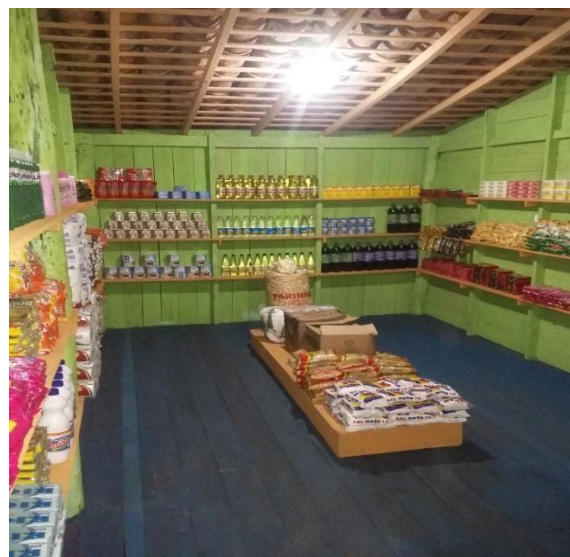
A cada mês, dois sócios do mutirão são responsáveis pela venda e manutenção das mercadorias, e todo final de mês devem prestar contas diante de todos os integrantes, momento em que os responsáveis precisam declarar aos demais integrantes do grupo, tudo que foi comprado e vendido no decorrer do mês.

Tanto o grupo como seus familiares têm o compromisso de comprar na própria mercearia os produtos que utilizam em suas casas. Essas mercadorias são compradas em caixas fechadas (ao preço de atacado) e vendidas separadamente do mesmo preço que os supermercados da cidade (preço de varejo), gerando uma pequena margem de lucro que será dividido no final do ano entre os membros. Como relata uma moradora integrante do grupo: “Antes nós tinha que perder um dia de serviço pra ir à cidade comprar as nossas coisas, comida, coisas de limpeza agora não a gente trabalha e compra aqui mesmo, por que a mercearia fica perto de casa” (JÓ, 42 anos entrevista realizada em junho). Abaixo (Figuras 6 e 7) imagens do início da construção e conclusão da mercearia.

Figura 6: coletivo construindo a mercearia



Figura 7: Mercearia pronta.



Fonte: Acervo da entrevista, 2017.

Essa mercearia foi criada com o intuito de ter um dinheiro em caixa para as festividades do final do ano, que gira em torno de R\$ 1.000,00 e ainda ajudar o coletivo a terem um espaço próximo das residências para fazerem suas compras, uma vez que os mesmos por trabalharem no interior e não podem estar saindo para fazer compras na cidade de Abaetetuba e nem em outros municípios. A mercearia proporciona economia de tempo e

dinheiro, que pode ser destinado ao trabalho ou em sociabilidades, facilitando também a vida de pessoas com dificuldades motoras, como é o caso de uma das integrantes que já é idosa.

6.6. GRUPO DE ARTESANATO DE MATAPI DAS MULHERES

O grupo de artesanato de matapi das mulheres do rio Campompema tem mais de um ano e é formado por onze mulheres: Celina, Mariazinha, Baixinha, Inês, Edinha, Dalva, Maria, Conci, Dina, Cristiane, Simone, que se reúnem todas as segundas e sextas-feiras, a partir de 13h 30min indo até 17h. O grupo também tem como coordenadoras as senhoras Dina e Baixinha.

O grupo iniciou com uma coleta de R\$ 20,00 (vinte reais) de cada integrante, com o intuito de arrecadar fundos para a compra dos materiais necessários para a construção do matapi, como: tala, cipó, cordinha, fibra e arco (Figura 8). Cada um dia de trabalho é realizado na casa de uma das integrantes, fazendo um rodízio, sendo de sua responsabilidade um pequeno lanche para as trabalhadoras. Ao final da fabricação do matapi, o mesmo é vendido em conjunto na cidade, na casa de marreteiro da própria comunidade ou para pessoas que compram direto nas casas. Abaixo mulheres trabalhando no artesanato de matapi (Figura 8).

Figura 8: Confeccção do matapi.



Fonte: Acervo da entrevista, 2017.

O lucro da venda é guardado, e repartido igualmente para todas as integrantes somente no mês de junho (festa do padroeiro da comunidade) e dezembro (festa de Nossa Senhora da

Conceição), a outra parte do dinheiro é feita a compra dos novos materiais. A responsável para guardar o lucro é a Senhora Conci, tesoureira do grupo. Como norma, as integrantes têm a responsabilidade de não faltar e se faltarem devem colocar alguém no lugar, que pode ser filha, marido ou parente. Se alguém entrar em discórdia ou fizer confusão deve sair do grupo. O grupo conta com a ajuda dos maridos nos trabalhos mais pesados, como amarrar o arco, limpar a tala; e os filhos ocupam os trabalhos mais leves como casear matapi, ou seja, amarrando o matapi.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, realizada na comunidade do Rio Campompema, buscou principalmente descrever os tipos e algumas das principais características dos mutirões desenvolvidos, na tentativa de encontrar elementos para compreender as interfaces entre esses agrupamentos e as relações de reciprocidade e ajuda mútua entre os sujeitos envolvidos. Conforme exposto, essas práticas proporcionam relações de amizade muito fortes, companheirismo e ajuda financeira entre os membros dos grupos, além da constituição de regras de comportamento que ultrapassam o formalismo religioso ou da educação formal. Além disso, permitem produzir o necessário para certo grau de auto sustento com adequado uso da mão-de-obra familiar disponível. “São relações que produzem valores humanos de confiança e solidariedade, cimentando as redes de cooperação, onde não apenas ocorrem relações econômicas de intercâmbio, mas também relações econômicas com base na reciprocidade” (TESCHE; MACHADO, 2012, p. 27).

De acordo com o trabalho de campo, a maioria dos mutirões do Rio Campompema, como o mutirão de Granja, o mutirão de Matapi, o Mutirão de Peixes, o mutirão da Mercearia, de mutirões de Mulheres, têm como foco em produção de mercadorias suprimindo a necessidade do grupo, que geralmente é dividido em partes iguais a seus membros. Em relação ao mutirão da igreja católica, é diferente, pois, o objetivo principal é ajudar as pessoas necessitadas com pequenos reparos ou construções de casas, pontes entre outros e também fazer as obras necessárias referentes à igreja.

Os mutirões sempre foram muito relevantes para a comunidade estudada e, nesse sentido, a produção de pesquisas sobre o mesmo pode vir a fortalecer os grupos e as práticas que já fazem parte do cotidiano das famílias. Considerando os estudos que têm apresentado a

fragmentação dos laços familiares e comunitários, compreender as dinâmicas e promover ações que fortaleçam tais práticas sociais e culturais é de suma importância, especialmente quando experimentamos a existência em uma sociedade em processo de redução da capacidade de constituir afetos.

REFERÊNCIAS

ABAETETUBA (PA). **A Cidade: Resumo Histórico**. 2016. Disponível Em: <<http://www.abaetetuba.pa.gov.br>>. Acesso em: 02 set. 2016.

ABAETETUBA (PA). **Prefeitura**. 2012. Disponível em: <http://www.abaetetuba.pa.gov.br>. Acesso em: set. 2012. Acesso em: 15 set. 2016.

ALVES MAZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira, 2002.

ANDRADE, J. P. **Labor e prazer: a prática e o sentido dos mutirões na comunidade Monte Sião, São Domingos do Capim – PA**. (Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável. Programa de Pós-Graduação em Agriculturas Amazônicas, Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Amazônia Oriental). Belém, 2016.

CALDEIRA, C. **Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, Brasileira, 1956.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIL, A. C.. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GASTALDO, Édison. **O fato social total brasileiro: uma perspectiva etnográfica sobre a recepção pública da copa do mundo no Brasil**. Horiz. antropol. vol.19 no.40 Porto Alegre July/Dec. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 03/11/2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: 05 out. 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2015**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/> . Acesso em: 05 out. 2016. SABOURIN, Eric. Ação coletiva e organização dos agricultores no Nordeste semiárido SABOURIN, Eric. **Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro**. Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro/1999.

SABOURIN, Eric. **Dádiva e Reciprocidade nas Sociedades Rurais contemporâneas**. Trabalho apresentado na mesa redonda “Cidadania, Redes Sociais e Dádivas”, no XI Encontro de Cidadanias Sociais Norte e nordeste, SISO, ocorrido na Universidade Federal de Sergipe, Agosto. 2003.

_____ **Práticas de reciprocidade e economia de dádiva em comunidades rurais do Nordeste brasileiro.** Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro/ ano 1999. Disponível em: http://revistas.ufcg.edu.br/raizes/artigos/Artigo_26.pdf.

_____ **Políticas públicas de desenvolvimento rural e reciprocidade.** IV Encontro da Rede de Estudos Rurais: Mundo rural políticas públicas, instituições e atores em reconhecimento político. 06 a 09 de julho - Curitiba- PR, Brasil-2010.

RODRIGUES, A. S.; FERREIRA, A. D. D.. **Artigo desenvolvido a partir de fragmentos da Tese intitulada “Reciprocidade, solidariedade e reconstrução da identidade camponesa: estratégias de reprodução social dos agricultores familiares da Coopera floresta”,** defendida em 2013 no Programa de Pós-graduação de Sociologia da UFPR. A tese está disponível na página da Biblioteca Central da Universidade Federal do Paraná: <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/37686>

TESCHE, R. W.; MACHADO, J. A. D. **A importância da reciprocidade no desempenho socioeconômico da agricultura familiar.** Estudos do CEPE, Santa Cruz do Sul, p. 7-37, jan. 2013. ISSN 1982-6729. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cepe/article/view/1563/2341>. Acesso em: 07 nov. 2017.

TESCHE, R. W.; MACHADO, João Armando Dessimon. **A importância da Reciprocidade no Desempenho Socioeconômico da Agricultura Familiar.** Revista Estudos do CEPE, Santa Cruz do Sul, n36, p.7-37, jul./dez. 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** 8ª. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DA MATTA, R. "Ofício do etnólogo ou como ter anthropological blues". In: NUNES, E. (org). **A aventura sociológica.** RJ: Zahar, 1978.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO APLICADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/CAMPOS ABAETETUBA
FACULDADE DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO CAMPO

CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

DISCENTE: Rosicleice do Socorro Ribeiro Azevedo

ORIENTADOR: Professor Doutor Livio Sergio Dias Claudino.

Nome:

Localidade:

Idade:

1. Qual grupo você participa?
2. Quais as regras desse grupo?
3. Qual o compromisso que você assume?
4. Como é a compra de insumo?
5. Qual a importância em participar desse grupo?
6. Qual a retribuição que você recebe?
7. Qual a frequência com que se reúnem?
8. Quantas pessoas participam desse grupo?

1 - Caseando a ponta



2 - Caseando o meio



3- Tecendo o funil



4 - Quebrando a tala



5- limpando a tala



6 – Fechando o pano



7- Tecendo o pano



5- Colocando o arco



